

FHC vê 'recaída autoritária' na política externa

Para ex-presidente, governo faz confusão entre independência e isolamento

SILVIO BRESSAN

O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso afirmou ontem, em São Paulo, que teme por uma "recaída" na política externa do governo Luiz Inácio Lula da Silva. "Não podemos imaginar que o passado é o nosso futuro", afirmou, durante palestra na USP.

De forma indireta, o ex-presidente atacou o que considera uma confusão, no governo Lula, entre independência e o isolamento defendido pela ditadura militar. "Me parece preocupante quando há recaída dos anos 70, uma certa

nostalgia de que essa política autoritária deve ser feita como política independente. Como se o pensamento autoritário significasse autonomia", avaliou. "E não significa. Significa apenas voltar a imaginar que é possível fechar o País."

Fernando Henrique mirou em alguns pontos defendidos por Lula, como a aproximação com os países da África e do Oriente Médio. Para ele, as prioridades devem ser a Alca, a Europa, o Mercosul e a China.

Hoje, destacou, o contexto global exige uma nova atitude. "Temos de mudar a nossa cabeça, a nossa ideologia. Buscar participação cres-

cente, e não sair atrás de um passado de retraimento, com a África ou Oriente Médio. Não é não dar atenção a esses países, mas entender que o eixo principal é outro."

“ Não podemos imaginar que o passado é o nosso futuro ”

Fernando Henrique Cardoso



FHC na USP: para ele, as prioridades devem ser a Alca, Europa, Mercosul e China

Entre uma e outra observação, Fernando Henrique ironizou algumas críticas de Lula, como a de que não conhecia o País – “meu Deus! Um pouco de humildade ajuda” – ou de que não tinha projeto. “Todo mundo tem. Imagino que o governo Lula também tenha. Ain-

da não descobri qual, mas acho que tem.”

Também foi criticada a resistência de Lula à Alca. Segundo o ex-presidente, um fracasso será ruim para o Brasil. “Tenho preocupação com os acordos bilaterais”, afirmou. “Se os grandes negociarem com cada país,

Sebastião Moreira/AE

vamos ter de competir com as exportações americanas. É um outro delírio.” No seu entender, bom relacionamento com os EUA não dispensa conflitos. “É não transformar cada conflito em ideologia, em guerra total, porque aí perdemos.”

Para ele, o importante é participar da reforma das instituições internacionais e da costura

de um novo pacto internacional. “País fraco é como pessoa fraca. Se não há instituição que proteja, ninguém protege”, disse. “Temos de nos capacitar e não nos perder na retórica, porque ela tem um preço”, prosseguiu. “E qual é o risco? O risco é o da irrelevância.”